



IVAN JAF 0
VAMPIRO
E O ZUMBI
(DOS PALMARES)

Ilustrações
ALEX SENNA

2ª edição

ea
editora ática

O VAMPIRO E O ZUMBI (DOS PALMARES)

© Ivan Jaf, 2013 (1ª edição)

© Ivan Jaf, 2020 (2ª edição)

Direção Presidência	Mario Ghio Júnior
Direção de Operações	Alvaro Claudino dos Santos Junior
Direção de Negócios	Daniela Lima Villela Segura
Gerência editorial	Fabio Weintraub
Edição	Andreia Pereira
Planejamento e controle de produção	Flávio Matuguma
	Juliana Batista
	Juliana Gonçalves
	Carolina Villari Tresolav
Coordenação comercial	
Projeto gráfico e diagramação	Nathalia Laia
Revisão	Kátia Scaff Marques (coord.)
	Brenda T. M. Morais
	Claudia Virgilio
	Daniela Lima
	Malvina Tomáz
	Ricardo Miyake

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Jaf, Ivan, 1957-
O vampiro e o Zumbi (dos Palmares) / Ivan Jaf
; ilustrações de Alex Senna. - 2. ed. - São Paulo :
Ática, 2020.
96 p. : il., color. (Memórias de vampiro)

ISBN: 978-85-0819-650-0

1. Literatura infantojuvenil I. Título II. Senna, Alex
III. Série

20-1787 CDD 028.5

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

ISBN: 978-85-0819-650-0

CL: 525033

CAE: 728178

2020

2ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

Direitos desta edição cedidos à Somos Sistemas de Ensino S.A.

Avenida Paulista, 901, Bela Vista – São Paulo – SP

CEP 01310-200 – Tel.: (11) 4003-3061

atendimento@aticascipione.com.br

Conheça nosso portal de literatura

Coletivo Leitor: www.coletivolector.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



SUMÁRIO

Prólogo 7

1 Onde falta habilidade,
sobra preguiça. 9

2 Como salvar a alma
de um negro pagão. 13

3 Como se faz um
pau de sebo. 20

4 Como levar uma
vida boa e ser bom. 27

5 Como fazer um homem
perder o rumo. 34

6 Quando a mentira se torna
verdade e até voa. 40

7 O vampiro entra
na guerra. 45

8 Eram brancos,
mas não se entendiam. 51

- 9** Quando os negros mostraram quem mandava em Palmares e os brancos apelaram para a fé. **56**
- 10** Os fracos, os fortes e os vizinhos indesejáveis. **61**
- 11** A guerra por uma paz que não viria. **66**
- 12** O soldado de pau, o vampiro mau e o mercenário ainda pior. **71**
- 13** Como se fazem os heróis. **77**
- 14** O vampiro e o Zumbi dos Palmares. **84**
- 15** Zumbis não morrem. **89**
- Posfácio **93**

*A vida foi criada nos vales.
Subiu para a montanha nos
velhos terrores, nas velhas aflições.*

William Faulkner

Prólogo

Moro no alto de Santa Teresa, um bairro de artistas, cheio de sujeitos estranhos como eu, pálidos, que só saem à noite e ninguém sabe direito o que fazem. É o melhor bairro do Rio de Janeiro, se você é um vampiro e quer passar despercebido.

Da minha janela, vejo o Morro dos Prazeres. Ali se espremem os milhares de casas de uma imensa favela.

A noite estava bonita, estrelada e sem lua. Gosto de setembro e do perfume das dracenas.

Ele entrou pela janela, estabanado, mas não bateu em nada. Ficou voando em círculos junto do teto da sala, contornando a luminária. Um morcego enorme.

Bichos que fazem cocô voando não são bem-vindos em lugar nenhum. Fui pegar uma vassoura para enxotá-lo. Quando voltei, havia um homem no meio da minha sala. Negro, alto, magro, 30 e poucos anos e sorriso largo. Vestia jeans e uma camiseta preta de mangas compridas.

Ele levantou os braços; as mãos abertas:

— Calma. Venho em paz.

— Quem é você?

— Sou seu fã.

— Como assim?

— Admiro seu trabalho, já li todos os seus livros. Prazer. Gaspar.

— Você e o morcego...?

— É... também sou um vampiro.

Sorriu. Parecia um carioca típico. Tive de sorrir, o sujeito era simpático. E meu fã.

— Posso conhecer seu escritório?

Ele falava sério.

— Por aqui. Não repare. Não é nenhum castelo do Drácula.

É um apartamento de dois quartos. Ele veio atrás de mim até o cômodo que eu usava como escritório. Mancava de uma perna.

Três paredes com estantes até o teto, forradas de livros. Um arquivo de aço. Duas mesas compridas: uma coberta de livros e fichas, onde pesquiso; outra com computador, pilhas de papéis, potes com lápis e canetas, grampeadores, telefone, cadernos, etc. Duas cadeiras de escritório, uma em cada mesa. E duas poltronas junto da janela, de onde se veem os milhares de casas da favela. Entre as poltronas, uma mesinha com um gravador em cima.

— *É aqui que a mágica acontece.*

Ele pousou a mão direita sobre o espaldar de uma das poltronas.

— *Você conversa com outros vampiros... eles contam suas histórias...*

Duas poltronas de couro, velhas e gastas. Sou um tremendo relaxado.

— *Seus livros me tocam profundamente. Você revolve o passado, organiza a memória. Tudo vai na direção de um fim determinado. A existência parece fazer sentido.*

— *Mas não faz. Os livros é que precisam terminar.*

Seu olhar percorria cada detalhe do meu escritório. Parecia mesmo emocionado.

— *Foi lendo um livro seu que descobri quem foi o vampiro que me mordeu e transformou... Meu pai-vampiro.*

— *É? Que livro?*

— *O vampiro que descobriu o Brasil.*

— *E que vampiro foi?*

— *Domingos. Em Pernambuco, na primeira metade do século XVII.*

— *Durante a ocupação holandesa?*

— *É. 1635. Você gostaria de ouvir a minha história?*

Tentei disfarçar a ansiedade:

— *Por que não senta?*

Ele sentou numa das poltronas e eu na outra. As luzes da favela cobriam o morro como enfeites de Natal.

Eu estava diante de um descendente de Domingos. Um vampiro muito poderoso, que tinha a rara capacidade de entrar com a sua consciência dentro de outro corpo humano e “ocupá-lo”. Ele havia sido morto por Antônio no ano 2000, depois de uma perseguição de cinco séculos. Conteí a história deles em O vampiro que descobriu o Brasil.

Domingos só se alimentava de sangue humano, e sem o menor cuidado. Às vezes descartava suas vítimas ainda vivas. Devia ter espalhado “filhos-vampiros” por todo lado.

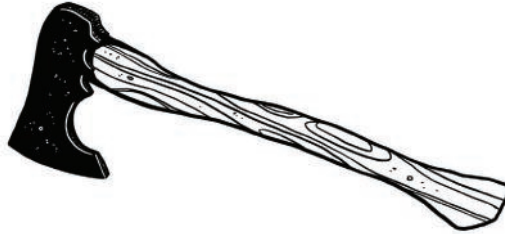
— *Domingos me atacou na época em que eu vivia no quilombo dos Palmares.*

— *Você morou no quilombo dos Palmares? Conheceu o Zumbi?*

— *Bastante. E Ganga Zumba e todo o pessoal. Depois que me trouxeram como escravo de Angola eu fugi e...*

— *Gaspar... posso ligar o gravador?*

Onde falta habilidade, sobra preguiça.



Não havia calendário. Só depois, já no Brasil, fiz as contas e descobri que nasci em 1601.

Naquela época existiam duas Áfricas: uma muçulmana, no norte, adorando Maomé e Alá; e outra, da linha do equador pra baixo, cultuando deuses africanos. Os habitantes do norte eram dominados pelos árabes desde o século VII. O mar Vermelho era fácil de atravessar. No sul, os portugueses só chegaram uns oitocentos anos depois. O Atlântico era imenso e bravo.

Nasci abaixo da linha do equador. Nasci banto. Um grande grupo de africanos que falava uma língua com uma origem comum. É como “latino”, para povos que falam línguas derivadas do latim. “Latino” serve tanto pra espanhóis como pra portugueses, franceses e italianos, entende? Eu era um banto da tribo jaga. Assim como um latino português fala português, um banto jaga falava quimbundo.

Os jagas eram guerreiros mais ou menos nômades. Fui adotado por eles quando era bebê. Meus pais biológicos foram assados e comidos pelos meus pais adotivos. Quando cresci o suficiente pra perguntar por que me adotara, Kikulakaji, o Velho, explicou:

— No meio de uma batalha, se você vê seu filho ser morto, sofre menos se ele for filho do inimigo.

Ele era bem sincero e pragmático.

Quando os primeiros portugueses chegaram ao rio Zaire, em 1483, encontraram um poderoso rei chamado Mani Congo. Ele governava um grupo de províncias, cada qual com seu chefe, o soba. Havia conquistado o poder

pela força e enriquecido com a coleta de impostos, o comércio de escravos e o cobre das minas.

No sul do Saara, desde o século VII, tribos africanas invadiam as vizinhas pra capturar negros e vendê-los aos árabes. Caravanas de milhares de escravos com forquilhas no pescoço atravessavam o deserto do Saara até os compradores, no litoral do mar Mediterrâneo. Era uma mercadoria mais rentável do que ouro, marfim e cobre. E muito melhor pra transportar, porque ia andando sozinha.

Os africanos abaixo do equador ainda não se exportavam, mas já se capturavam e obrigavam uns aos outros a trabalhar na agricultura e nas minas. Os portugueses estavam fundando colônias, precisavam de escravos. De olho na exportação de gente e cobre, e nas armas incríveis dos brancos, Mani Congo se aliou aos portugueses. Ele e seus sucessores exportaram cada vez mais negros, e o negócio cresceu tanto que acabou saindo do controle. Nenhuma tribo estava segura. As pessoas passaram a ser uma mercadoria valiosa. Os próprios sobas podiam acabar presos e vendidos.

O governo tinha o monopólio do comércio, mas os contrabandistas inventavam rotas pra escapar da fiscalização e dos impostos, enriqueciam, formavam um poder paralelo. O povo tinha de se defender sozinho.

Na década de 1570, os jagas, que viviam nas montanhas de Matamba, começaram a descer e atacar os portugueses e o reino do Congo. Guerreiros terríveis. Eu fui um deles. Usava lança, arco e flecha, azagaia e escudo. Mas a arma preferida dos jagas, símbolo e pavor dos inimigos, era a machadinha.

Os homens viviam dentro dos mocambos, em constante treinamento militar. Mocambos eram fortalezas protegidas por muros de estacas, fossos e armadilhas com estrepes. Eram sempre construídos na beira de algum precipício, pra que o inimigo só pudesse chegar por um lado. Vivíamos de caça, pesca e saque. Atacávamos sempre de surpresa. O *songo*, esquadrão, caía em cima dos inimigos lançando o grito de guerra:

— *Puté! Puté!*

Pra gente provar que era durão mesmo havia os ritos de iniciação. Fazer cicatrizes no rosto e nas mãos com espinhos, autoflagelação com faca e fogo, circuncisões, ir pra guerra besuntado com sangue humano, comer os miolos crus dos inimigos, depois o corpo todo, assado... Quebrar os próprios dentes da frente, a pedradas, era uma exigência. Não ter os dois incisivos centrais superiores era o distintivo do guerreiro jaga.

A palavra em quimbundo pra quem não tem alguns dentes é *banguela*. Quem não tem dente nenhum, como os bebês e os velhos, era chamado de *boboca*.

Além de guerreiro, fui iniciado como feiticeiro. Tornei-me um *ganga*. Meu pai adotivo, Kikulakaji, o Velho, era um bruxo poderoso e foi meu mestre.

Decorei toda a cosmogonia, o panteão e as oferendas dos *jagas*. Sabia o que o deus da guerra gostava de receber antes das batalhas, como acalmar o deus das forças contrárias, como controlar o deus das tempestades e dos raios... Mas Kikulakaji era um feiticeiro diferente da maioria. Acreditava mais no mundo visível do que no invisível, e me ensinou que o poder real de um *ganga* estava no conhecimento sobre plantas, bichos e pedras.

Os deuses e os rituais impressionavam, aterrorizavam e faziam as pessoas terem fé. E a fé produzia coisas estranhas e impossíveis. Mas pra Kikulakaji a fé nem precisava de deuses. Bastava uma enganação qualquer. Inventar um ritual maluco. Quanto mais maluco, melhor. E usar plantas e bichos, escondido.

Depois de um dia inteiro de bebidas e danças, meu pai era capaz de enfiar a mão num caldeirão de água fervente, por exemplo, sem se queimar. Isso fazia o maior sucesso. O truque era untar antes o braço com uma pasta transparente extraída de determinada planta. O mesmo processo, na sola do pé, fazia Kikulakaji andar sobre brasas, dizendo estar possuído por um demônio.

Ele era mestre em venenos e antídotos. Quando queria provar sua coragem e seu poder, e se livrar dos inimigos, fazia a cerimônia do *bulungo*. Eu o ajudei nisso desde menino. Misturava uma fruta chamada *quijuluango* com algumas sementes de *hitro* e servia aos presentes numa cabaça com *oallo*, uma bebida fermentada de milho. Essa mistura era um veneno poderoso, em pouco tempo todos estavam babando, tendo convulsões e morrendo. Menos Kikulakaji. O truque era ser o primeiro a beber. Todos achavam que era uma prova de coragem, mas a mistura só virava veneno quando a cabaça era mexida e as sementes de *hitro* se dissolviam. Kikulakaji bebia tendo o cuidado de não balançar a mistura; depois saía dançando feito louco, ao som dos batuques, sacudindo bem a cabaça.

O final era sempre o mesmo. Hora de usar o antídoto. Ele incorporava um deus que “ressuscitava” os amigos e deixava morrer os inimigos.

Aprendi com ele a fazer todo tipo de *quirimbus*, misturas “mágicas”, usando sementes, folhas, cascas de árvores, bichos e pedras. A *índua* enlouquecia pra sempre. A polpa do *majongo* matava lentamente, por disenteria. A *zemza*

apagava a memória dos delatores. Determinada peçonha, passada na vagina, matava os estupradores.

Kikulakaji era curandeiro. A pasta de raiz de *quitengue* curava feridas. O pó de casca de *quiseco* acabava com febres. A *abada* cortava o veneno das cobras. Ele sabia usar as gorduras dos bichos, as peles, os ossos, os órgãos... Curava hemorroidas com ossinhos da orelha de leitões, cortava venenos de todo tipo de cobra com uma pasta de abelha e ervas... Tudo isso acompanhado de rituais inventados, enganações, mentiras.

— *Macutus* do ganga — ele ensinava. — Porque o ganga não pode dar o remédio simplesmente. Precisa criar rituais, batucadas, fogueiras... Fazer o cliente ficar a noite toda com uma galinha morta em cima da cabeça, escorrendo sangue. Cozinhar pros espíritos. Deixar o sujeito dois dias dentro de um poço com água gelada. Não parece, mas tudo isso é pro bem do doente.

— É a *quirimbu* que cura — ele repetia sempre. — Mas precisa do ritual. Às vezes o feiticeiro cura uma pessoa envenenada só fazendo ritual, sem dar antídoto. E, outras vezes, sem o ritual, o sujeito morre envenenado, mesmo tomando o antídoto.

— Quando as pessoas ficam desesperadas, elas *querem* ser enganadas — ele explicava. — Temos de dar o que elas querem, pro bem delas.

— O mundo é *quicutu* total, meu filho.

Quicutu é mistério.